

REPAROS DE EMPRÉSTIMOS AO VERNÁCULO

Bismarck Zanco de Moura (UFRJ)

dezanco@hotmail.com

Gean Nunes Damulakis (UFRJ)

damulakis@gmail.com

RESUMO

Este trabalho investiga a inserção envolvida no reparo de empréstimos ao português. Palavras oriundas de outras línguas podem apresentar sílabas com uma organização interna inaceitável no Português do Brasil. Argumentamos, com base em experimento elaborado e aplicado por nós a falantes do português do Brasil, que a inserção é a operação de reparo mais utilizada para conformar essas sílabas aos padrões silábicos do português do Brasil.

Palavras-chave: Fonologia. Português do Brasil. Empréstimos. Sílabas. Inserção.

1. Introdução

Neste trabalho, objetivamos estudar a estrutura silábica do português do Brasil e o reparo em situação de empréstimos. Em boa parte dos itens emprestados, são verificados padrões silábicos rejeitados pela língua. Neste estudo, pretende-se discutir o processo de inserção, operação usada em português para conformar sílabas.

A inserção e o apagamento são exemplos de processos fonológicos de que as línguas se utilizam como reparo ao se depararem com sequências não admitidas pela língua. Aquela consiste no acréscimo de material fonético, enquanto este na sua subtração. Citemos a conformação, no português do Brasil, da palavra *Sport*. Observa-se que esse empréstimo tem, originalmente, a posição de onset preenchida pela fricativa alveolar seguida da plosiva bilabial e na de coda a vibrante seguida da plosiva alveolar. Tal organização é permitida na língua de origem, o inglês. Em português, porém, as respectivas posições não aceitam receber tais sequências de segmentos. Sendo assim, a pergunta que nos propomos a responder é como falantes nativos de português pronunciam palavras como o exemplo citado, palavras que exibem em sua estrutura interna padrões inaceitáveis.

Como se sabe, o componente fonológico faz parte do conhecimento internalizado e intuitivo que se desenvolve naturalmente desde os primeiros anos de vida (CHOMSKY, 1965). A partir desse pressuposto

assume-se que todo falante tem em sua mente um molde e que esse molde estrutura-se a partir dos dados da(s) língua(s) em que é exposto na fase de aquisição. Assim, particularidades como a que foi citada sobre o empréstimo são espontaneamente incluídos nesse molde, a gramática. Todo falante nativo de português do Brasil adquire esse conhecimento e reconhece que as sílabas de sua língua não podem ter os padrões anteriormente mencionados, aceitáveis em inglês, por exemplo. A forma de verificar a recusa em relação a essas estruturas manifesta-se na sua produção. Nas posições consideradas, os falantes inserem a vogal alta anterior como estratégia de reparo obtendo-se uma pronúncia como [ɪ]Sport[ɪ]¹⁰⁵.

Ao comparar o português ao espanhol, por exemplo, é possível observar especificidades de cada língua na escolha de um processo ou outro. O início da palavra *pneumático*, por exemplo, exhibe a sequência ‘pn’, uma plosiva bilabial seguida de nasal, sequência essa proibida na posição de onset (ou ataque silábico) nas duas línguas. Diante da impossibilidade de esses segmentos constituírem um onset complexo, que seria uma violação ao que ambas as línguas permitem, são verificadas estratégias distintas de conformação a esses sistemas. O português insere a vogal alta desfazendo esse ataque complexo enquanto o espanhol opta pelo mecanismo de apagamento. Resultando, respectivamente, nas pronúncias p[ɪ]neumático e Øneumático (Cf. BISOL & SCHWINDT, 2010, p. 65)

2. A sílaba do português

O reparo de padrões inaceitáveis em palavras da língua portuguesa é uma questão já discutida desde Camara Jr. (1970). O autor observa a inserção da vogal alta anterior para a reparação de palavras inseridas no léxico por via erudita. Mattoso Camara Jr. (1970) analisa as palavras ‘afta’, ‘pacto’, ‘ritmo’ e ‘compacto’. Segundo o autor, as sequências em destaque não são permitidas no português do Brasil. O autor assume, então, a presença de uma vogal que se intercala e desfaz o ataque complexo proibido, conforme se pode observar na tabela¹⁰⁶ abaixo:

(1) Camara (1970, p. 56)

Compacto	Apto	Afta	Pacto
Compac[ɪ].to	Ap[ɪ].to	Af[ɪ].ta	Pac[ɪ].to

¹⁰⁵ Alguns itens já estão dicionarizados com a inserção, normalmente representada na escrita pelo grafema <e>: *esporte*.

¹⁰⁶ O ponto ‘.’ marca a fronteira silábica.

Observa-se a partir do que foi exposto acima que:

- (i) padrões silábicos permitidos em uma língua podem não ser aceitos em outra;
- (ii) as línguas dispõem de operações diferentes a fim de reparar padrões que não permitem;
- (iii) o português apresenta no seu próprio léxico padrões não permitidos, como o são as palavras às quais Camara (1970) se refere.

Antes de passar à pesquisa em torno do tema, faz-se necessário determinar o que se entende por sílaba. Na evolução dos estudos linguísticos, diferentes concepções foram atribuídas ao termo. Ora privilegiando-se os aspectos envolvidos em sua produção (ponto de vista mais fonético) ora optando-se por uma definição mais fonológica (CALLOU & LEITE, 1990), reconhecendo ser a estruturação da sílaba um importante fator incluído na modelação da gramática de qualquer falante.

3. Experimento

A elaboração dessa pesquisa iniciou-se com a seleção dos empréstimos. Foram coletadas quinze palavras que continham sílabas cujos padrões não são permitidos no português do Brasil. Esses dados foram extraídos de textos de circulação como revistas, jornais, veículos de comunicação de modo geral, além de sobrenomes como (Oscar) “Schmidt” ou (Will) “Smith”. O quadro abaixo reúne os empréstimos a partir dos quais essa pesquisa se desenvolveu:

<i>Sky Sport status Skol Schin scanner slides Smith tsunami Schweitzer Net Sri-Lanka Schmidt Fiat Ford</i>
--

Em seguida, a partir do vocabulário coletado, foram elaboradas sentenças a fim de obter maior naturalidade e maior proximidade às situações em que são produzidas. Os empréstimos foram testados em contextos linguísticos sentenciais como:

- (1) Maria assinou a net.
- (2) João assinou a Sky.
- (3) Juiz é um cargo de muito status.
- (4) Paulo gosta de Schin.

Ao lado dessas foram incluídas frases distratoras. O acréscimo dessas se justifica sob o argumento de manter os entrevistados desconhecedores dos objetivos da pesquisa, impedindo uma possível manipulação dos dados. Exemplos de sentenças distratoras:

- (5) João assinou a Oi.
- (6) Francisco mora no Brasil.
- (7) A televisão do Marcos estragou.
- (8) Paulo torce pelo Palmeiras.

A aplicação do teste consistiu na realização da leitura dessas sentenças pelos informantes, necessariamente, falantes nativos de português, de ambos os sexos, com graus variados de escolaridade e na faixa etária entre 19 e 30 anos. O *corpus* foi, então, constituído das gravações de oito entrevistados-leitores. Todos conscientes de que suas leituras eram gravadas, o que não impediu a realização das inserções quando de uma possível associação à pronúncia errada de palavras estrangeiras. Após sua coleta passou-se à descrição e à análise, conforme vemos a seguir.

4. Análise dos dados

Muitos linguistas aceitam que a ordem dos segmentos em uma sílaba é controlada pela sonoridade (cf. BISOL, 1996). Assume-se que em uma sílaba a sonoridade cresce, a partir do onset, até atingir um valor máximo, o pico silábico, seguido de um decréscimo progressivo em direção à coda. A sonoridade dos segmentos esclarece satisfatoriamente a proibição a diversos padrões de ataques complexos. Em português, a diferença de sonoridade entre os segmentos desse ataque deve ser maior ou igual a 2. Assim, sempre que em um ataque complexo do português a diferença de sonoridade for inferior há dois, deverá haver reparo.

Escala de sonoridade (cf. CLEMENTS, 1990)

0. Obstruintes < 1. Nasais < 2. Líquidas < 3. Glides < 4. Vogais

Pode-se explicar a partir da sonoridade, a inserção nos ataques complexos em destaque das seguintes palavras de nosso *corpus*:

Sky [sk], *Sport* [sp], *status* [st], *Schin* [sk], *scanner* [sk], *Smith* [sm], *Skol* [sk], *tsunami* [ts], *Schweitzer* [ʃv], e *Schmidt* [ʃm].

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

A tabela pretende demonstrar esquematicamente a relação entre a sonoridade e a ocorrência das inserções. Está organizada em duas linhas. A primeira delas com os grupos consonantais presentes nos empréstimos; a segunda ilustra a diferença de sonoridade entre os elementos envolvidos no ataque complexo mencionados na linha anterior.

sk	sp	st	sm	ts	□m	□v
0	0	0	1	0	1	0

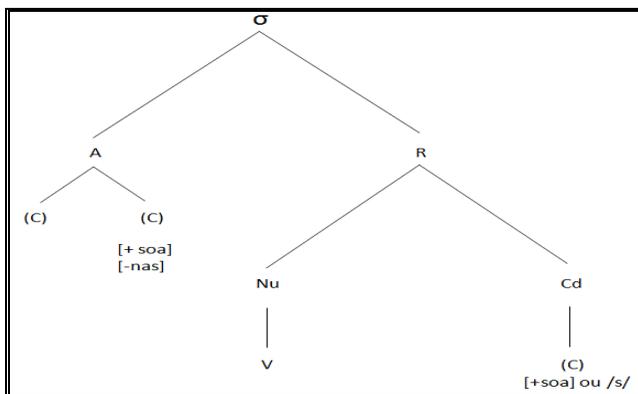
Com diferenças de sonoridade inferiores a 2, ocorre a operação de inserção da vogal alta anterior para desfazer a sequência não permitida. As frases abaixo demonstram a inserção.

- (9) João assinou a [ɪ]Sky.
- (10) Paulo torce pelo [ɪ]Sport¹⁰⁷
- (11) Juiz é um cargo de muito [ɪ]status.
- (12) Paulo gosta de [ɪ]Schin.
- (13) A [scanner do Marcos estragou.
- (14) Will [ɪ]Smith é um famoso ator.
- (15) Paulo gosta de [ɪ]Skol.
- (16) Os países orientais enfrentaram uma t[ɪ]sunami.
- (17) Procurou socorro no Hospital Albert Sch[ɪ]weitzer.
- (18) Will [ɪ]Smith é um famoso ator.

O diagrama arbóreo permite, além de representar a hierarquia dos constituintes da sílaba, visualizar com maior facilidade as causas das inserções.

Molde silábico do português (cf. BISOL, 1996)

¹⁰⁷ A inserção final neste item será abordada mais adiante.



A diferença de sonoridade não explica satisfatoriamente as inserções que ocorrem entre ou à esquerda de sequências não aceitas em ataques complexos de duas palavras usadas nesse estudo. O ataque complexo, em destaque, nas palavras *Sri-Lanka* e *slides* é constituído de segmentos cuja diferença de sonoridade é 2, um valor desejável. Entretanto, a não aceitação desse padrão deve-se a outro motivo de ordem segmental. A segunda posição de um ataque ramificado em português deve ser, conforme mencionado na árvore acima, preenchida por segmentos providos dos traços [+soante -nasal]. Assim, dado o inventário fonológico da língua autorizam-se apenas /r/ e /l/ ao preenchimento dessa posição. As palavras mencionadas estão de acordo com essa exigência. A causa, entretanto, é o fato de haver outras restrições. A primeira posição desse tipo de onset não pode ser preenchida, em português do Brasil, por qualquer tipo de consoante. Esse lugar é reservado a fricativas labiais e oclusivas. Embora o português não registre todas as possibilidades: *dl, por exemplo. O padrão verificado nos onsets de *Sri-Lanka* e *slide* não respeita essa condição. O segmento fricativo /s/ é desprovido do traço [labial], o que o impede de preencher a primeira posição de ataques complexos. Com o desrespeito às exigências representadas na árvore o resultado é a necessidade de adaptação que ocorre, em português, via inserção da vogal alta anterior. Vejamos a análise comparativa entre alguns padrões de empréstimos:

<i>Sport</i>	*sp	Não preenchem a segunda posição com segmentos que não exibem os traços [+soa -nas]. Diferença de sonoridade: 0
<i>status</i>	*st	
<i>Sky</i>	*sk	
<i>Sri-Lanka</i>	*sr	Não preenchem a primeira posição com segmentos fricativos labiais ou plosivas. Diferença de sonoridade: 2
<i>slide</i>	*sl	

Sport e outros empréstimos usados desrespeitam as condições de coda do português. Tal posição conforme o molde arbóreo propõe que essa posição seja, quando preenchida, ocupada ou pelo segmento /s/ ou por qualquer outro que exiba o traço [+soante]. Não é o que ocorre nas codas em destaque.

(19) Paulo torce pelo **Sport**.

(20) João comprou um **Ford**.

(21) Paulo assinou a **Net**.

(22) João comprou um **Fiat**.

Argumentamos a favor de que qualquer violação às condições do que a árvore estabelece requer correção. Verifica-se a inserção para desfazer a coda proibida. Como em:

(23) Paulo torce pelo [I]Sport[1]

(24) João comprou um Ford[1]

(25) Paulo assinou a Net[1]

(26) João comprou um Fiat[1]

É importante destacar que todos os processos de inserção implicam em ressilabação.

Sport → [1]Sport[1] → [1]S.por.t[1]

Ford → Ford[1] → For.d[1]

A reorganização das sílabas nas palavras, consequência da inserção, não se limita aos casos em que a inserção ocorreu na posição de coda:

Sky → [1]Sky → [1]S.ky

status → [1]status → [1]s.ta.tus

Podemos sistematizar os processos de inserção aqui tratados, através de regras, utilizando traços. Do vocabulário usado pode-se observar que as palavras que compartilham dos mesmos traços sofrem as mesmas regras representadas abaixo:

(1) Ø → [+alto –rec] / ___s [-soante -cont] (ex.: *status*)

(2) Ø → [+alto -rec] / ___s [+soante +cons] (ex.: *Smith*)

(3) Ø → [+alto -rec] / [-soante -cont] ____ (ex.: *Ford*)

(4) Ø → [+alto -rec] / ʃ___ [+soante +cons] (ex.: *Schmidt*)

5. Considerações finais

Sequências não admitidas de segmentos nas línguas costumam sofrer reparos, que vão desde o apagamento de segmentos dessas sequências à inserção de segmentos, inserção essa que permita a silabação aceitável na língua.

Entre as estratégias de reparo para sequências consonantais não admitidas no português do Brasil, a inserção mostrou-se, em nosso experimento, a preferida. A maior evidência para isso foi o fato de a inserção ocorrer mesmo em situação de leitura gravada, situação em que o auto-monitoramento da fala é maior.

Embora nossa intenção não tenha sido, neste trabalho, a de verificar a qualidade da inserção, pode-se afirmar que a inserção mais frequente foi da vogal alta anterior. Como inserção da média anterior também é possível, em trabalho futuro, pretendemos quantificar as ocorrências de ambas.

Por fim, é importante ressaltar que esse trabalho não procurou tratar dos casos de inserção que se observam em contexto intravocabular, centrando-se nos limites de palavras. Em trabalhos futuros, pretendemos verificar a atuação da inserção no interior de palavra.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BISOL, Leda (Org.). *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 3. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2001.

BISOL, Leda; SCHWINDT, Luiz Carlos. *Teoria da otimidade: fonologia*. Campinas: Pontes, 2010.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Problemas da linguística descritiva*. Petrópolis: Vozes, 1969.

_____. *Estrutura da língua portuguesa*. Petrópolis: Vozes, 1970.